

# A filosofia nossa de cada dia

Nesta edição especial, o *Mão Livre* traz uma entrevista com o professor e filósofo paraense Benedito Nunes, pensador brasileiro, com diversos ensaios publicados sobre filosofia, arte e literatura. Este ano, Bené, como é chamado pelos amigos, foi um dos ganhadores do Prêmio Estadão Cultural, promovido anualmente pelo jornal O Estado de São Paulo.

Com Benedito Nunes, o *Mão Livre* fez uma entrevista diferente: convidou profissionais ligados à arte para que fizessem as perguntas.

Entre os temas presentes nas questões formuladas a Benedito Nunes estão a produção artística e a crítica em Belém, a política cultural, o pensamento filosófico na Amazônia, o tempo e a Internet.

***Mão Livre:*** Como relacionamo-nos com o tempo mínimo-infinito, quando a velocidade da vida nos remete a um futuro afobado e nos tora a preciosidade do átimo, do momento, do presente. Nós temos o tempo ou estaremos sempre subjugados a ele? (Maria da Conceição Loureiro, produtora cultural e professora)

**BN:** Podemos pensar o tempo tanto sob o aspecto do futuro quanto do passado e do presente. Mas o tempo mesmo não é qualquer desses aspectos isoladamente. Se o fosse, teríamos três tempos em vez de um só, mesmo porque há um presente do passado (quando pela memória você se lembra de determinado instante de sua própria vida que já foi), um presente do futuro (quando você, pela imaginação, está na expectativa do que vai acontecer), um passado do presente (oito horas em relação a nove horas da manhã de hoje), um futuro passado (quando você, relatando acontecimentos já sucedidos, ordena-os uns depois dos outros). Vide, a esse respeito, a magnífica descrição de Santo Agostinho no livro XI de sua “Confissões”.

\* Entrevista publicada no Boletim Cultural da revista *Mão Livre*, 1998.

Um futuro não é menos futuro por ser afobado. É certo que vivemos sempre para diante, e raros são aqueles que fruem o presente como tal, em estado puro, pois que o presente também está se dividindo entre passado e futuro. Felizmente! Sem essa divisão, o tempo seria um rio em que estaríamos mergulhados ou uma corda tensa puxando-nos para a frente. Graças a essa divisão é que há experiência vivida do tempo e de nós mesmos, e que consiste numa contínua relação do presente com o passado na expectativa do futuro. Foi o que Bérqson chamou a duração real. Só quem alcança a duração real pode voltar-se para o átimo e encontrá-lo numa experiência excepcional, como os artistas quando criam, escritores quando escrevem, místicos quando rezam.

**Mão Livre:** Qual a função do regionalismo na literatura e na filosofia? (Márcia Mendes, jornalista e produtora cultural)

**BN:** Regionalismo é um termo histórico-literário datado, prevalecente em fins do século XIX, profuso na América Latina, mas raro na Europa. Significa, principalmente na narrativa, de modo particular na ficção romanesca, demarcar, pelos limites de uma região geográfica, com suas características distintivas, a temática, os personagens, as situações e a linguagem de uma obra literária. Em geral, esses aspectos se articulam no regionalismo, cuja marca histórica, entretanto, ficou sendo, entre nós, o realismo (descrição de costumes) e o naturalismo (primado dos instintos primários, da hereditariedade, dos traços raciais etc.), como no romance “A Bagaceira”, de José Américo de Almeida ou, em dose mínima, em “Menino de engenho”, de José Lins do Rego. Por aí se vê que o regionalismo nasce com uma filosofia: obedece a uma ideia de natureza. Diz-se dessa ideias que é o pressuposto filosófico do regionalismo, proveniente do século XIX e que integrou tanto o romantismo quanto o realismo.

Mas regionalismo não é uma rubrica filosófica. A Filosofia nunca é regional no sentido acima. Não se conhece obra filosófica propriamente dita que seja regionalista.

Acho que convém distinguir entre regionalismo e regional. A literatura pode ter regionalidade sem que, forçosamente, seja regionalista. A filosofia está acima das regiões; ela reside na amplitude das questões que levanta: amplitude universal. Certa literatura, como a de Guimarães Rosa, que aproveita matéria regional abundante, constitui uma espécie de supra-regionalismo. Quando alguém escrevesse sobre a visão amazônica do mundo estaria aplicando um conceito filosófico (visão do mundo = *Weltanschauung*) para tirar o sumo das lendas, crenças e comportamentos do homem amazônico, no intuito de configurar um conjunto de pensamentos, idéias e atitudes.

**Mão Livre:** O senhor ainda vê legitimidade na “pintura” como meio de expressão artística contemporânea? Qual seria seu papel no próximo século?

**BN:** Por que não? A pergunta é o resultado de uma ideia linear sobre a evolução das artes, de acordo com o ponto de vista do vanguardismo estético. O que nela está implícito é uma linha evolutiva só, que passa pelo “quadro” e

que o conduz ao acabamento da pintura. Mas há outras espécies de superfícies e o quadro mesmo tem mostrado enorme vitalidade, sem ainda ter-se tornado obsoleto. O que, talvez, tenha caído na obsolescência é um certo gênero de representação pictórica.

**Mão Livre:** O segmento cultural tem se ressentido da ausência dos representantes do pensamento intelectual paraense testemunhando o desenvolvimento e os resultados de seu processo criativo. Esse distanciamento não vem dificultar o reconhecimento da nossa produção artística contemporânea e a tão necessária formulação de um pensamento crítico em relação a ela, por parte dessa intelectualidade formadora de opinião? (Berna Reale, Tâmara Sare e Tadeu Lobato / Galeria Theodoro Braga)

**BN:** Sem dúvida. O artista estaria sozinho, numa relação entre ele e o que faz, sem mediador. Isso é carência. Por quê? Porque sempre, em todos os tempos, a obra chega ao público através de um pensamento outro, que não é o pensamento do artista. Um outro de compreensão, seja aprovadora seja de oposição, que ajuda a formar ideia sobre o produzido. Em outros meios, a presença da crítica se manifesta, ainda que esporadicamente. Entre nós, nem isso. Ora, não se trata apenas da falta de ressonância do que se faz. O que se faz não encontra um pensamento exterior que venha ao seu encontro para confirmá-lo ou denegá-lo. Esse pensamento exterior integra a vida da arte, compõe o seu perfil histórico. As obras se produzem, são expostas e em torno delas não há palavras. Elas ficam sem vida, destituídas de história. Ao artista falta o seu outro; em torno dele não se forma a comunidade de diálogo que o transporta ao futuro.

**Mão Livre:** O senhor, há alguns anos, declarou em um jornal de grande circulação que a geração atual estaria mais propícia, por causa de sua cultura visual preponderante sobre o conhecimento da escrita e/ou contato com a leitura, a produzir mais cineastas e videastas que escritores. Como o senhor pensa essa questão hoje? A retomada do cinema nacional pode ser uma resposta a esta sua análise? Neste prisma, qual seria a influência da Internet na produção da cultura, no Brasil e no mundo? (Jorane Castro, cineasta)

**BN:** Pensava, naquela entrevista, especialmente nos fotógrafos. Entre nós, há mais fotógrafos do que pintores de qualidade. É verdade que nossa literatura de hoje – poesia e prosa – não é tão boa quanto a das décadas de 50 e 70. A cultura visual tem subido muito; nosso cinema comprova isso. Mas a Internet ainda é um *melting pot*. O paraíso da comunicação ou da parolagem, do blábláblá? Em parte. Por outro lado, o intercruzamento das mais díspares informações; um vasto mercado não ruidoso de tudo, o etéreo mural, o mural móvel da publicidade pessoal, interpessoal. Há *sites* para tudo. Solitários e ansiosos de todo mundo, uni-vos, imaterialmente, descorporificados! Não sei o que possa sair disso.

**Mão Livre:** Se se concebe com Habermas que “a identidade de uma sociedade é determinada em termos normativos e depende de seus valores culturais, os quais podem mudar em consequência de um processo educativo”, podemos também admitir que os órgãos públicos têm uma função catalisadora nesse esforço simultâneo de sedimentação e transformação das implicações normativas próprias da consciência intersubjetiva de uma dada sociedade. Como considera, face à justeza deste postulado teórico-filosófico e Habermas, as realizações daquilo que deveria corresponder à chamada “política cultural” desenvolvida pelos nossos órgãos públicos competentes? (Andréa Feijó. Artista plástica)

**BN:** Desconfio de toda política cultural. Por trás dela está o Estado, definindo a cultura e determinando a sua política por essa definição. Pode também se dar o contrário: a política sobredetermina a cultura e, já assim sobredeterminada, o Estado a define. Isso tanto acontece no Estado forte quanto no Estado liberal. Mesmo neste, de mansinho, o Estado toma conta da cultura – o que quer dizer que a domestica para seus fins.

**Mão Livre:** Na 24ª Bienal de São Paulo, Cildo Meireles reapresenta “Desvio para o vermelho”, um monocromo tridimensional em que o espectador penetra na pintura. Adriana Varejão, por sua vez, toma como referência o quadro de Pedro Américo, “Tiradentes esquartejado”, e através de um processo sofisticado que envolve o tridimensional e o bidimensional, constrói a sua instalação. Como o senhor observa esse diálogo entre uma arte tradicional como pintura e a instalação em que o elemento motriz é a ideia? (Marisa Mokarzel, arte-educadora e mestre em Crítica da Arte)

**BN:** Acho que a instalação assinala a tecnificação da arte em seu grau máximo. A ação da técnica moderna avançada se distingue por amar seus efeitos em grande ou pequena escala; diz-se que a técnica é o efeito de instalar produzindo ou de produzir instalando. A “instalação” em arte tem semelhança com a instalação técnica. Independentemente disso, o conjunto técnico-instalatório pode aproveitar as outras artes – aproveitar “servindo-se” delas, desintegrando-as para reintegrá-las em seus conjuntos. Mas, nesse caso, talvez o reintegrado não subsista em sua essência; a pintura deixa de ser pintura. Ao reintegrar-se, ela se torna como que uma “citação” do que houve e que terá sido esquartejado como Tiradentes o foi.

**Mão Livre:** Sua obra é respeitada em nível nacional e internacional e, no entanto, o senhor sempre manteve em Belém a sua base de trabalho e a sua residência. Há praticidade nessa opção? Seria Belém uma segura reclusão dos aborrecimentos da academia? Por outro lado, essa opção teria alguma motivação intelectual ou sentimental? Qual seria? É possível fazer filosofia sob o calor de Belém do Pará? (Fábio Castro, professor universitário)

**BN:** Começo pela segunda pergunta. Peço-lhe para substituir “Belém” por “minha casa em Belém”. Essa casa talvez possa ser considerada um lugar de voluntária reclusão dentro mesmo de Belém. Não gosto da cidade tal como ela é hoje: movimentada, barulhenta, com permanentes pontos de “insolação sonora” e arquitetonicamente feia, modernosa, mas no fundo e no extenso, um pobre e enorme subúrbio virado para o centro. Não mais a cidade das mangueiras, as prediletas vítimas da fúria arborescida do paraense e da Prefeitura.

Para trabalhar, nada melhor do que a residência acima identificada. Onde poderia encontrar no Rio, em São Paulo ou em Paris um lugar tão grande e cômodo que pudesse abrigar tantos livros? Houve, portanto, praticidade na opção. Mas se morasse numa dessas três cidades, talvez não tivesse tido necessidade de acumular tantos livros. A escolha atendeu a circunstâncias múltiplas. Houve, em 60, uma tentativa para emigrar. Não deu certo. Pouco me importei com o insucesso. Depois disso, a casa criou raízes, como se expressaria o Armando Mendes, e essas raízes me entrelaçaram. Gosto, sim, de sair de vez em quando, de afastar-me do meio, para sempre voltar, não tanto a Belém como ao meu abrigo ou, se quiser, nicho ecológico. Compreendi, desde cedo, que se pode pensar e escrever em qualquer lugar, aqui ou ali, desde que se tenha – diria antigamente – papel, lápis e caneta ou, como digo hoje, um bom e traiçoeiro computador. Um dia estive entre nós Anatol Rosenfeld, que me visitou, entrou no gabinete onde trabalho e tomou um susto. “Como o senhor pode trabalhar com esse calor?” Se o calor hoje atuasse, da maneira direta, a Filosofia iria transpirar, como transpirava eu, de encharcar camisa e paletó quando, na década de 50, dava aulas a uma da tarde. Mas havendo ar refrigerado... .

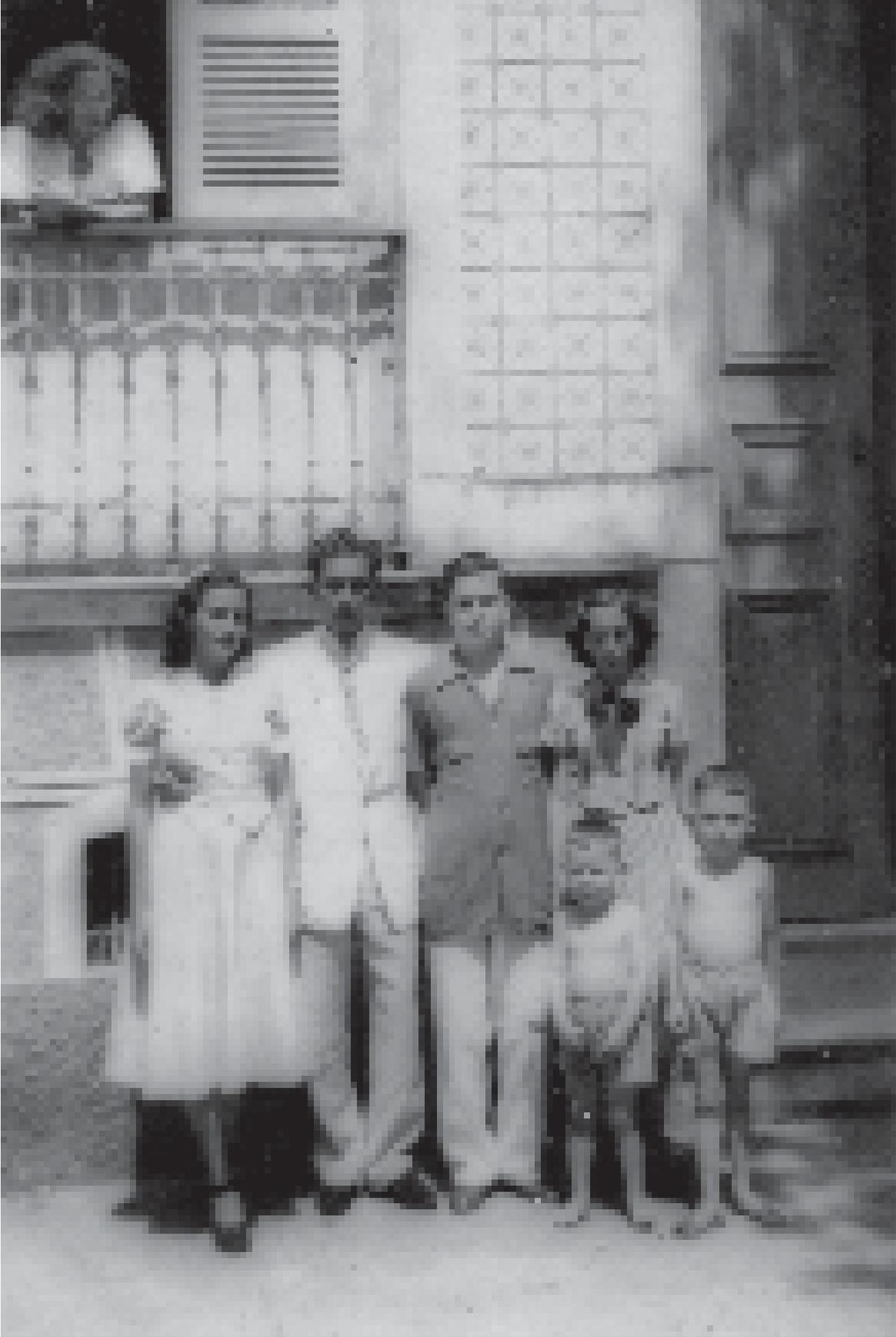


Foto: acervo Maria Sylvia Nunes